

A CHAPADA CUIABANA

**SEU PASSADO - SEU PRESENTE
AS POSSIBILIDADES DO SEU FUTURO**

(Ensaio de Geografia humana e
econômica acerca da zona da Serra-acima)

OFERECIDO

AO IX CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA
(Florianópolis/SC - Setembro de 1940)

Pelo

Desembargador José de Mesquita

Cuiabá
MCMXL

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

ESCLARECENDO INTENÇÕES

O trabalho que se segue não é bem uma tese, conquanto assim se deva denominar, para que se enquadre no Regulamento do Nono Congresso Brasileiro de Geografia. Escrito em cima da hora, apenas na intenção de não deixar de concorrer ao gentilíssimo convite do meu velho e distinto confrade Ministro Bernardino de Souza, visa, por outro lado, dar a conhecer ligeiras notas tomadas, em ensejos diversos, que se me ofereceram para perlustrar a região serrana. Será uma bem modesta contribuição da gente mato-grossense a esse brilhante certame de estudos e investigações, apresentada, sobretudo, com o intuito — que supre, ele só, as deficiências do trabalho — de demonstrar que em Mato Grosso, como no resto do país, vão despertando interesse e carinho os ensaios acerca de problemas brasileiros. Isso deve bastar ao autor, e justificar a sua ousadia, louvável pelos propósitos que a ditaram.

Cuiabá, agosto de 1940

A Chapada cuiabana, também conhecida pelos nomes de Serra Acima, Santana da Chapada e Chapada dos Guimarães, tem sido objeto de estudo desde longa data, podendo-se arrolar uma já crescida e apreciável bibliografia em torno do assunto.

O próprio autor destas linhas já teve oportunidade de escrever e dar a lume na “Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso” uma singela monografia versante o tema referido e com o nome Grandeza e Decadência da Serra-Acima (1). Dela, como de outros ensaios, se valerá, no momento, premido pela angústia de tempo e acúmulo de trabalho, para desenvolver estes apontamentos de geografia humana e econômica destinados a interessar por essa zona privilegiada aos estudiosos de nossas coisas e de nossa gente.

II

A Chapada surgiu historicamente, como uma aldeia indígena, cuja fundação se deve ao 1º Governador e Capitão-General de Mato Grosso, D. Antônio Rolim de Moura Tavares, em 1750. Ela, entretanto, já figurava, mencionada em documentos anteriores, sendo-lhe a mais remota referência datada de 1727, na notícia do Capitão Cabral Camelo, publicada na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” (2).

Miliet de Saint Adolphe fixa-lhe a descoberta em 1735 (3) havendo, entretanto, sensível equívoco da parte

(1) Vol. XXV, pág. 31.

(2) Vol.IV,497.

(3) Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil, I, 271.

A CHAPADA CUIABANA

daquele douto historiógrafo, que confunde a Chapada de Cuiabá com a outra, também conhecida por Santana, devido ao ribeirão homônimo, situada no distrito de Mato Grosso ou Vilabela.

Semelhante confusão deu lugar a que outros, como F. Inácio Ferreira, em seu “Dicionário Geographico das Minas do Brasil” (4), fossem levados às mesmas errôneas assertivas, que facilmente se esclarecem ante a leitura dos tópicos referentes ao assunto contidos nos preciosos Apontamentos Chronologicos de Leverger (5) e nas não menos valiosas Monographias Cuiabanas de V. Corrêa Filho, o Leverger de nossos tempos, digno herdeiro, pelo sangue e pela inteligência, do grande bretão cuiabanizado (6). Certo se afigura, todavia, que, em 1727, como testificam os Anais do Senado da Câmara de Cuiabá, já o ouvidor Lanhas Peixoto, com o brigadeiro Almeida Lara, andavam “em descobrimentos de ouro e caçando perdizes” pela zona serrana (7).

Mais ou menos remoto que se lhe situe, nos dias coloniais, o descobrimento, o que não padece dúvida é o papel preponderante que exerceu, durante um grande lapso de tempo, a Chapada, na vida econômica e política da zona norte de Mato Grosso, sobretudo de sua capital. Essa relevantíssima atuação, posta de manifesto através das crônicas coevas, se nota, principalmente, pelo seu papel de zona dos engenhos, rica em lavoura e produção de açúcar e aguardente, centro de numerosa escravaria, e que o golpe de 13 de maio de 1888 viria aniquilar, precipitando-lhe o declínio que já vinha, por outras causas, se processando lentamente.

III

Geo-fisicamente, a Chapada se constitui do elevado planalto que, distante da capital matogrossense cerca de 8

(4) Ob. cit., 722.

(5) Na Revista Mato Grosso. I, 6, 183.

(6) A' cata de ouro a diamantes, 22.

(7) Rev. I. H. G. S. Paulo, IV, 40.

JOSÉ DE MESQUITA

léguas, é, por assim dizer, o primeiro grande degrau do maciço central brasileiro, visto do vale cuiabano. De fato, quem da cidade de Sutil viaja rumo leste, vai encontrar, qualquer que seja a estrada palmilhada, essa grande escarpa que, com diversas denominações, conforme o seu ponto de acesso, serve de linha divisória entre a serra e a baixada. Serra-acima e serra-abixo, é como, no seu expressivo linguajar, se refere o nosso homem do interior, para distinguir as duas zonas, flagrantemente distanciadas, embora limítrofes, pelas condições climáticas e mesológicas quase opostas.

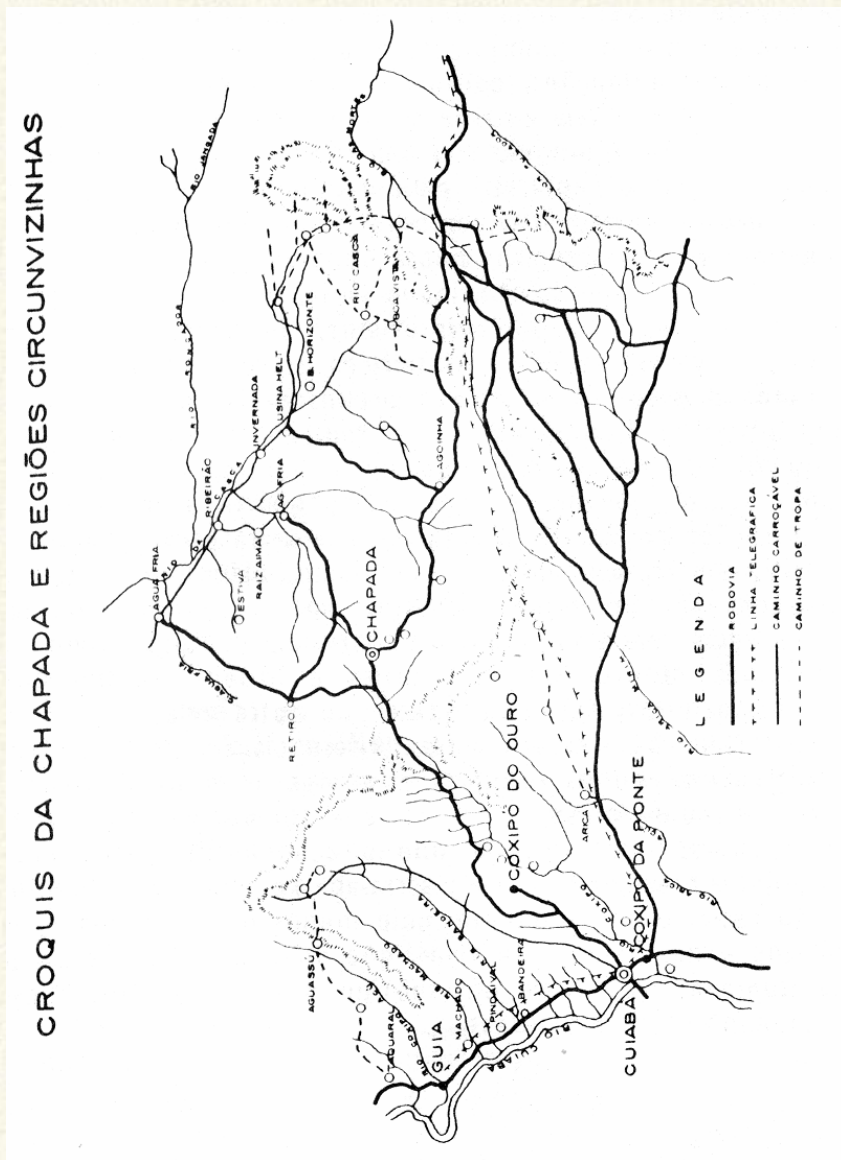
A natureza as confina e isola, ao mesmo tempo, na sua obra magnífica de imprevistos, de especialização, que faz, por vezes, regiões fronteiriças se diferenciarem como mundos diversos, pela simples circunstância de maior ou menor altitude, criando diferenças radicais na bio-tipologia da flora ou da fauna e na paisagem natural ou humana da zona. Assim, de modo impressionante, ocorre com relação às duas seções em que a grande serra, a serra geral, chanfra, de brusco, a terra cuiabana:— soerguendo, além dos Aricás, cujas águas são de origem planaltina, mas vêm morrer na zona baixa, esse paredão arenítico formidável, que como nos transporta, através de suas gorjas e “topes”, a um outro panorama, outro habitat e quase que outra vida.

Não há exagero nessa diferenciação pois, de fato, mui díspares são os próprios costumes, o modo de viver, as condições bio-típicas, econômicas e sociais nas duas zonas, que bem se pode afirmar que o caboclo de serra-acima é irmão, na brasilidade, do de serra-abaixo, mas bem diferente, senão racial e politicamente, pelo menos na mentalidade, nos hábitos e na maneira de viver, que dir-se-ia, à luz da geografia humana, ser aquele um subtipo deste, bem diversificado pelas condições ambientes.

IV

A importância que conseguiu a zona serrana se aquirata, facilmente, pelos índices demográficos que vêm enumerados no estudo já referido “Grandeza e Decadência da Serra-Acima”, em seus capítulos II a VII. Ela, por outro

A CHAPADA CUIABANA



JOSÉ DE MESQUITA

lado, ressei, nitidamente, da observação do grande número de pontos de acesso que, rasgando o muralhão lesteiro, se torcicolam, em caminhos coloniais, às vezes verdadeiras veredas e angusturas, pelas bocainas e cortes agrestes, à procura do plateau promissor.

As suas curiosas denominações, algumas das quais sínteses históricas a serem desenvolvidas, valem aqui mencionadas, conquanto nem todas possam figurar minuciosamente no gráfico elucidativo da zona tantas vezes palmilhada. No imenso vão que medeia entre o curso do Coxipó-mirim, na extrema ocidental e a velha Palmeiras, do outro lado, hoje transformada em colônia correcional, se sucedem, sem falarmos nos simples desvios ou variantes sem importância, nada menos de quatorze escaleiras de acesso ao altiplano, que são: a serra do “Portão do Inferno”, que margeia o Coxipó em boa parte, e por onde passa a estrada de automóvel construída pelo governo Pedro Celestino-Estevão Corrêa; a do “Quebra-Gamela”, que sai do Pé-do-Morro de São Jerônimo e vai acabar no Buriti; do “Carretão”; a do “Magessi”; a “Ruça”; a do “Bocaina”, a mais transitada, por ser a mais direta para quem demanda a Chapada, reconstruída, em 1910, no 1º governo Pedro Celestino, pelo engenheiro civil Dr. Virgílio Corrêa Filho; a do “Xavier”; a de “Manoel Antônio”; do “Assentado”; a “Serrinha”; a do “Capitão Agostinho”, simples carreteira (as 5 últimas têm o ponto de partida no lugar denominado Cabral); a de “Santa Teresa”; a do “Ranchão”, que serve à estrada da Linha Telegráfica; a de “S. Vicente”, hoje ponto de acesso da rodovia Cuiabá-Campo Grande, e construída pela atual administração Júlio Muller; e a do “Cupim”, que, como a anterior, vai se entroncar, em cima da serra, no lugar por nome São José.

Delas todas, apenas são estradas carroçáveis, em toda a sua extensão, a do “Portão” e a de “S. Vicente”, dando as demais acesso a cavaleiros e tropas, muitas vezes penosamente. A serra da Bocaina é a única — exceção das duas referidas — que tem merecido algum cuidado da administração pública, sendo, às vezes, roçada, na parte superior, em que existem duas matas, a do Baú e a do Uatimá, e conservada no trecho propriamente de

A CHAPADA CUIABANA

serra, que vai, no sopé, do ponto conhecido como Colônia, fraldeando, em terchos pitorescos, o ribeirão do Médico, até o Tope-de-fita.

V

A Chapada — denominação que comumente se empresta a toda a Serra, na sua parte que domina o Vale do Cuiabá — é, mais propriamente, o nome da histórica localidade que, por assim dizer, constitui o centro sócio-político-econômico de toda a zona planáltina.

Assim se lhe refere o Barão de Melgaço, nos seus preciosos “Apontamentos para o Dicionário Chorographico da Provincia de Mato-Grosso”:

“Sant'Anna da Xapada (freguezia de.) — Situada a 9 léguas a ESE, da cidade de Cuiabá, sobre a serra (ou plateau central). Em 1751 tendo chegado a Cuiabá o primeiro governador D. Antonio Rolim de Moura, mandou fundar n'este logar uma missão, para serem aldeados os índios de diversas nações, que se achavam em poder dos administradores. Confiou a administração d'este estabelecimento ao padre jesuíta Estevão de Crasto, que viera com elle e teve de retirar-se em 1759. em consequencia da prescripção da sua ordem. Continuou a missão regida por ecclesiasticos seculares, sendo o primeiro o padre Simão de Toledo Rodvalho, que teve a idéa de mudal-a para o Fexo de Morros, o que não foi aceito pelo governador.

“Em 1769 o mesmo governador Luiz Pinto impôz à aldeia o nome de “Sant'Anna da Xapada de Guimarães”. Já estava em decadência, contudo era de 1.454 o número de índios e mestiços, que existião dispersos pelo districto e 2.650 os aldeados. Em 1775 forão mandados para a missão muitos índios emigrados de Xiquito.

“Por alvará de Setembro de 1814 foi creada a freguezia com o nome de “Sant'Anna da Xapada do Sacramento” Os muito poucos descendentes, que restão dos índios, estão confundidos com a população. Esta emprega-se na cultura de cereaes e da canna de assucar; poucos cultivão o café, que entretanto podia ser o seu principal e mais vantajoso producto.

JOSÉ DE MESQUITA

“Segundo o recenseamento de 1872, tem a seguinte população:

	livres	escravos	Total
Homens	942	416	1.358
Mulheres	925	328	1.253
Soma	1.867	744	2.611

“Os índios “Coroados” ou (dizem alguns) “Caiapós”, freqüentemente infestão esta freguezia, passando-se poucos annos sem que commettão incendios, mortes e roubos.

“Em 1875 veio uma commissão de engenheiros, enviada pelo ministério da agricultura, para estudar o traço de uma linha ferrea entre a cidade de Cuiabá e a “Lagoinha de cima”, na freguezia de Sant'Anna, 600 metros de altitude, segundo o engenheiro Calaça — 1875.

“A pitoresca vila, que hoje está reduzida quasi a um arraial, assenta-se num dos pontos mais altos, salubres e belos da região. Corta-a, de lado a lado, o córrego da Prainha, escasso de água, mas permanente, possuindo, nas suas cercanias, vários outros mananciais, todos de excelente qualidade. ainda que um tanto descalcificada.

“O povôado se constitue hoje de duas ruas principais, a de Cima e a de Baixo, com o grande Largo da Igreja, ao cêntro, e algumas travessas, que são antes trilhos, ligando as duas artérias. Possue, em roda, inúmeras sitiolas, engenhócas, monjolos e roças, onde exercem a sua atividade os moradores da zona. A agricultura lhes é o habitual quefazer — o chapadense é, em geral, um roceiro, que passa a semana trabalhando a terra, para, no sábado, recolher-se, consagrando o domingo aos seus divertimentos — o “cururú”, o “siriri” ou o “baile de sanfôna”. O próprio trabalho enseja-lhe alegres reuniões, com os animados “mutirões” ou “muxirum”, que, devido ao excesso da branquinha (que é como chamam à cachaça) acabam, muitas vezes, de fórmula desagradável.

“Nessas festas e reuniões, em que se observa, a par de uma animação invulgar, uma nota de respeito e de ordem, muito há que observar, no tocante à psicologia do

A CHAPADA CUIABANA

serrano, além de farta messe folclórica, de grande interesse para o estudo dos costumes locais. Não é esse, porém, o nosso intento, neste ligeiro esborço, e fal-emos, em nos dando Deus tempo, oportunamente.”

VI

Quem quer que já tenha passado na Chapada uma temporada — como o autor deste esboço o fez dezenove vezes em dezesseis anos — terá conservado a impressão imperecível desse burgozinho singelo, acolhedor e amigo, perdido entre chapadões imensos e rodeado de serras imponentes, onde vive, quase esquecida dos poderes públicos, uma população laboriosa e sofredora, mas sempre crente, animada e boa.

A Chapada possui um clima ameno e saudável, sendo considerada verdadeiro sanatório para tuberculosos que para ali transportados entram a melhorar sensivelmente. O inverno é, por vezes, rijo e o que mais incomoda é o vento constante e a cerração, que chega a adensar-se tanto a ponto de obrigar os carros a viajarem com as lâmpadas acesas, e buzinando a cada momento, para evitar um choque, nas curvas ou mesmo retas estreitas do caminho.

São deliciosos os dias chapadenses, de céu claro e temperatura que, no rigor do verão, não ultrapassa 22° e baixando, ao cair da noite, que proporciona sempre agradável aconchego entre os cobertores, em qualquer época do ano. Uma que outra vez, em período de inverno rigoroso, a água chega a gelar dentro do pote, ocasionando surpresas aos madrugadores que ficam, no momento, privados de fazer o seu guaraná, à falta do precioso e indispensável elemento. Também, quando excepcional a friagem, sucede de matar, “entanguidos”, não só a vegetação, pastaria, plantas menos resistentes, senão que, igualmente, o gado no campo e até os pobres homens a que, inclemente, a fortuna privou de agasalhos, expondo-os, por força da necessidade, a apanhar um “friação” inesperado em viagem, nos pousos rústicos à beira dos córregos, nos agrestes chapadões solitários. O clima do altiplano mato-grossense, aliás, leva sobre o da parte inferior a vantagem considerável de sua relativa

JOSÉ DE MESQUITA

estabilidade e grande salubridade - o que já fazia dizer ao engenheiro Francisco José Gomes Calaça, no seu “Relatório do Chefe da Comissão incumbida dos Estudos da Estrada de Ferro de Cuyabá a Lagoinha:

“No cimo do seu planalto, pôde-se dizer que é tão ameno (o clima) como o da primavera europeia com a diferença apenas de ser constante; por conseguinte ahi o futuro colono europeu encontrará o necessário á sua felicidade material — bom clima e uberidade maravilhosa do seu solo. (8).”

VII

Haverá, talvez, exagero naquele epíteto do projetista da malograda via férrea que pretendia ligar a capital da então província de Mato Grosso à zona serrana. O solo chapadense pode não ser maravilhoso, mas é úbere e produz, com segurança, quase tudo o que se encontra na baixada, e mais outras espécies vegetais que o seu clima propicia. A cultura do café, por exemplo, sempre se fez na região chapadense, tal como o registra o dr. Antonio Gonçalves de Carvalho, em seu interessante opúsculo, “A estrada de ferro para Matto Grosso:

Em particular, a Chapada orgulha-se de sua aptidão para essa proveitosa cultura. Ahi os cafeeiros crescem até acima de tres metros, dão regularmente mais de dez libras de producto e não raro uma arroba” (9).

E é o mesmo monografista que se refere ainda à cultura da batata inglesa (10), corroborado, no tocante à rubiácea, pelos depoimentos de Calaça, já citado, Pimenta Bueno (11) e do nosso ilustre efemerista Estêvão de Mendonça, nas suas “Datas Mattogrossenses”, vol. I. 337: “E lícito supôr, dada a experiência feita, como ótimos

(8) Op. cit., Rio 1876, pág. 74.

(9) Op. cit., pág. 59, nota 2a.

(10) Idem pág. 67, nota 4a.

(J 1) Memória justificativa dos trabalhos de que foi encarregado, Rio 1880, pág. 57.

A CHAPADA CUIABANA

resultados, no Sangradouro, localidade planaltina onde os Padres Salesianos mantêm uma colônia agrícola, que também o trigo medre no distrito chapadense, bem como o plantio de árvores frutíferas que exigem o clima frio para sua adaptação e fecundidade.

A riqueza, porém, da zona serrana, nos seus dias de esplendor, que fôram os do segundo e terceiro quartel do século passado, foi a proveniente da indústria assucareira. A Chapada constituiu, durante muitos anos, o celeiro da Capital, produzindo, além de cereais de primeira necessidade, assucar e aguardente, em regular escala. Já em fins da centúria anterior, que marca o início da fase de desenvolvimento econômico da Serra-acima, os engenhos de assucar, rapadura e mellado bem como os de aguardente e monjolos de farinha eram em número apreciável no distrito da Serra-acima, contando-se em bôa cifra os escravos empregados, sobretudo, nestes últimos (12). Expressivo o iato de, ante a prosperidade da indústria de aguardente, haver o governo português, em 1799, fixado em 1/2 oitava de ouro o imposto sobre as fábricas ou engenhos desse produto, com aplicação especial destinado ao custeio das despesas de jovens matogrossenses estudantes na metrópole, a favor dos quais se estabelecia uma anuidade de 110\$ (13).

Mais tarde, as constantes incursões dos índios, que tanto infestaram a zona, a guerra, a varíola, e, por fim, a extinção brusca do elemento servil, privando os “senhores de engenho” do braço escravo, sem lhes proporcionar outro recurso em substituição — ocasionaram o declínio dessa zona, antes tão próspera, deslocando-lhe os elementos ainda capazes de reação para outros pontos da província, ali permanecendo apenas aqueles que, ou por falta absoluta de recurso ou por extremo apego à terra, não conseguiram tentar nova vida em paragens extranhas”.

(12) Podem se ver a respeito os Documentos Interessantes para a História e Costumes de S. Paulo, Vol. 44.

(13) Idem, 44, 335.

JOSÉ DE MESQUITA

VIII

O distrito da Chapada está, entretanto, fadado a um papel relevante na estrutura econômica do Estado. Posto que, atualmente, à margem das cogitações administrativas, que, ao contrário, com a construção da variante rodoviária do S. José, deixou quase abandonada a velha povoação, que é o centro sócio-econômico da zona serrana — a Chapada não pode, nem há de morrer.

E o núcleo demográfico mais apreciável, ainda que muito reduzido, da região. Perto lhe demora a usina produtora de energia elétrica da Capital. Todas as suas cercanias se povoam de sítios de lavoura, fazendas de criar e ricos garimpos. As suas ótimas aguadas, fertilidade natural, benignidade da temperatura, marcam-lhe condições de vida especiais que visionou com certo exagero, mas um fundo de verdade, o malogrado presidente Mário Corrêa, quando foi da tentativa de colonização do Cajuru e da fundação da cidade, que lhe recebera o nome. Falhou essa arrojada iniciativa, ante a escassez de elementos em que se apoiava, mas nem por isso, abandonada à sua própria sorte, vivendo quase à mingua de socorros oficiais, a Chapada perecerá.

O seu futuro, garante-o, com segurança, o seu passado de riqueza e de esplendor.

Dêem àquela pobre gente, acimada de indolência, quando o que lhe falta é outra coisa que não vontade de trabalhar, dêem-lhe comunicações e transportes, estradas que sejam dignas desse nome e não esses “caminhos antigos” de que fala Capistrano de Abreu, vias coloniais feitas antes para impedir, que para favorecer o escoamento da produção. E assegurem-lhe, de forma real e eficiente, saúde e ensino, (sobretudo o agrícola e rural) levantando-lhes o moral, juntamente com o físico, dotando-os de meios para combater as endemias e o analfabetismo — a pior e mais nociva endemia de que sofre o Brasil — e ver-se-á que a Chapada, verdadeira, Promissão de Mato Grosso, há de ressurgir de suas ruínas, aflorando, em vida nova e mais intensa, desse merencório panorama de agora, em que se lhe pontilha a paisagem silente de “taperas” e sítios agonizantes — verdadeiros cemitérios de vivos.

A CHAPADA CUIABANA

E ela ressurgirá, na revivescência simbolizada na fênix do nosso braço heráldico, para novos e radiosos dias de grandeza e de fulgor.

Não lhe fará, com isso, a administração pública, um favor, senão que uma justiça, conquanto tardia.

E ela tem a isso irrefragável direito, aquela boa, ordeira a laboriosa gente montanhesa, que tanto já concorreu, em melhores tempos, para o bem da coletividade, como as populações de Diamantino, Alto Madeira e outras, que canalizaram rios de dinheiro para o erário estadual, sem que o mínimo proveito lograssem auferir.

Justo é, pois, que, em hora infortunada e amara, vá o Poder público ao encontro das presentes necessidades, ele que delas fruiu grandes vantagens.

E isso, para que essa gente se lembre que faz parte da comunhão mato-grossense, não somente quando se lhe exige o pesado contributo das taxas fiscais, mas também, e principalmente, na hora de receber o eqüitativo quinhão de benéfico amparo àqueles que desejam, trabalhando, produzir e prosperar.

(Cuiabá, agosto, MCMXL)